

The background of the cover is filled with a dense pattern of colorful fingerprints in various colors including red, orange, yellow, green, blue, and purple. The fingerprints are arranged in a way that they appear to be overlapping and scattered across the page.

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

Dionei Moreira Gomes,
María Alejandra Regúnaga
e Arthur Britta Scandelari
(organizadores)

The logo for UnB Livre, featuring a stylized green and blue geometric shape to the left of the text.

UnB
Livre

The logo for Editora UnB 60, featuring the text 'EDITORA UnB 60' and a stylized graphic element resembling a radio tower or antenna to the right.

EDITORA
UnB 60



Universidade de Brasília

Reitora
Vice-Reitor

Márcia Abrahão Moura
Enrique Huelva

EDITORA



UnB

Diretora

Germana Henriques Pereira

Conselho editorial

Germana Henriques Pereira (Presidente)
Fernando César Lima Leite
Ana Flávia Magalhães Pinto
César Lignelli
Flávia Millena Biroli Tokarski
Liliane de Almeida Maia
Maria Lidia Bueno Fernandes
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcante
Sely Maria de Souza Costa
Wilsa Maria Ramos

The background of the cover is a dense, overlapping pattern of fingerprints in various shades of gray, creating a textured, organic feel. The fingerprints are arranged in a way that they seem to flow across the page, with some appearing more prominent than others.

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

Dionei Moreira Gomes,
María Alejandra Regúnaga
e Arthur Britta Scandelari
(organizadores)

UnB
Livre

EDITORA
UnB 

Coordenadora de produção editorial
Assistente editorial
Revisão

Equipe editorial

Marília Carolina de Moraes Florindo
Lara Perpétuo dos Santos
Arthur B. Scandelari, Dionei M. Gomes,
María Alejandra Regúnaga

© 2020 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa,
1º andar – Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte,
Brasília/DF – CEP: 70910-900
Telefone: (61) 3035-4200
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser
armazenada ou reproduzida por qualquer meio
sem a autorização por escrito da Editora.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade de Brasília
Heloiza Faustino dos Santos - CRB 1/1913

D618 Diversidade linguística na América [recurso eletrônico] : línguas
 ameríndias / Dionei Moreira Gomes, María Alejandra
 Regúnaga, Arthur Britta Scandelari (organizadores). – Brasília
 : Editora Universidade de Brasília, 2022.
 v. – (UnB Livre).

Inclui índice.
Modo de acesso: World Wide Web.
ISBN 978-65-5846-132-6 (v. 1).

1. Diversidade linguística. 2. Línguas ameríndias. 3. Tipologia
(Linguística). I. Gomes, Dionei Moreira (org.). II. Regúnaga,
María Alejandra (org.). III. Scandelari, Arthur Britta (org.). IV.
Série.

CDU 811.8



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

SUMÁRIO

Apresentação	7
Prefácio.....	10
Introdução	12
Capítulo 1. A marcação de pluralidade nominal em Mehináku (Arawak) 18 <i>Angel H. Corbera Mori</i>	
Capítulo 2. Interpretação fonético-fonológica do Kustenau (Arawak) na perspectiva do método reconstutivo sincrônico..... 48 <i>Angel H. Corbera Mori</i> <i>Jackeline do Carmo Ferreira</i>	
Capítulo 3. Construções possessivas do Kithãulhu e em outras línguas da família nambikwara	80
<i>Sivaldo Correia</i>	
Capítulo 4. Gramaticalización en lenguas genéticamente emparentadas: lenguas yuto-aztecas del noroeste de México	119
<i>Zarina Estrada-Fernández</i>	
Capítulo 5. Presencia santiagueña en Buenos Aires: aspectos culturales y lingüísticos como marcadores identitarios	154
<i>Marcelo Pagliaro</i> <i>Adriana Speranza</i>	

Capítulo 6. Codificación lingüística en las misiones anglicanas de la Patagonia.....	180
<i>María Alejandra Regúnaga</i>	
Capítulo 7. Interpretação temporal em orações não finitas em Karitiana: a contribuição do aspecto	229
<i>Ivan Rocha</i>	
Capítulo 8. Sintagmas posposicionais em línguas da família tupí-guaraní: argumentos ou adjuntos? Primeiros passos: Kamaiurá.....	264
<i>Arthur Britta Scandelari</i>	
<i>Dioney Moreira Gomes</i>	
Conclusão	314
Agradecimentos.....	316
Informações sobre os autores	318
Índice Remissivo	326

CAPÍTULO 2

INTERPRETAÇÃO FONÉTICO-FONOLÓGICA DO KUSTENAU (ARAWAK) NA PERSPECTIVA DO MÉTODO RECONSTRUTIVO SINCRÔNICO

Angel H. Corbera Mori

Universidade Estadual de Campinas

Jackeline do Carmo Ferreira

Doutoranda em Linguística (Unicamp)

1 Introdução

Nos estudos diacrônicos das línguas do mundo, os pesquisadores, a fim de dilucidar os elementos linguísticos de determinada língua falada por um povo no passado, a qual já não pode mais ser estudada sincronicamente, de modo tradicional, se baseiam nos pressupostos teóricos de dois métodos, a saber, o método comparativo e o da reconstrução interna (HOCKETT, 1971; CROWLEY; BOWERN, 2010). A escolha de um ou de outro método tem a ver com a situação linguística da língua observada, a disponibilidade de dados e, ainda, com os objetivos da investigação.

O método comparativo é considerado como o mais operativo para se chegar à pré-história linguística. Ele aplica-se nos casos em que duas ou mais línguas distintas estão ou parecem estar relacionadas entre si. Quando não se tem certeza do parentesco correspondente, a aplicação do método comparativo nos permite confirmá-lo ou rejeitá-lo (HOCKETT, 1971). Além disso, o método comparativo, ao ser aplicado a várias línguas,

nos permite ter uma imagem da língua ancestral e nos mostrar, de certa forma, a pré-história individual das línguas que estão sendo comparadas, chegando a uma época que seria da língua comum. Contudo, Crowley e Bown (2010) são cautelosos ao mencionar que:

Infelizmente, o método comparativo de reconstrução linguística não nos permite voltar no tempo que gostaríamos. É difícil colocar datas em mudanças linguísticas para as quais não temos registros escritos. [...] O método comparativo não pode nos levar mais longe no tempo por uma razão simples: porque a linguagem perde gradualmente o vocabulário sobre o tempo, quando elas são separadas por um longo período, elas terão apenas uma parcela muito pequena do vocabulário compartilhado. Para configurar correspondências sonoras sistemáticas entre idiomas, precisamos ter um corpo razoavelmente grande de itens cognatos. Quando o *corpus* de itens compartilhados fica muito pequeno, simplesmente não podemos reconhecer nenhuma correspondência sonora sistemática; de maneira alguma, e sem correspondências sonoras sistemáticas, o método comparativo se torna completamente impraticável. (CROWLEY; BOWERN, p. 317, tradução nossa)¹

¹ “Unfortunately, the comparative method of linguistic reconstruction does not allow us to go back as far in time as we would like. It is difficult to put dates to linguistic changes for which we do not have written records. [...] The comparative method cannot take us further back in time for a simple reason: because language gradually lose vocabulary over time, when they have been separated for a long period, they will have only a very small proportion of shared vocabulary. To set up systematic sound correspondences between languages, we need to have a reasonably large body of cognate items. When the corpus of shared items gets too small, we simply cannot recognize any systematic sound correspondences, at all, and without systematic sound correspondences, the comparative method becomes completely unworkable” (CROWLEY; BOWERN, p. 317).

Para comparar as palavras de diversas línguas, parte-se do pressuposto de que o signo linguístico é arbitrário (SAUSSURE, 1995 [1916]), daí que, ao se comparar uma lista de palavras de um conjunto de línguas, observa-se que há uma certa semelhança sistemática entre a forma e conteúdo dessas palavras. Conclui-se, então, que esse fato não seria o produto de uma mera coincidência, e, assim, levanta-se a hipótese de que essas línguas têm alguma relação de parentesco entre elas. Por outro lado, se essa observação inicial de parentesco filogenético não for tão evidente, a aplicação do método comparativo auxilia-nos na confirmação ou descarte da hipótese do parentesco. Além disso, ao comparar duas ou mais línguas, o método comparativo é capaz de nos mostrar um reflexo da língua predecessora, possibilitando, dessa maneira, uma visão panorâmica de pré-história de cada uma das línguas comparadas, bem como o reconhecimento sobre os diferentes graus de parentesco existentes entre elas. Exemplos típicos de aplicação desse método às línguas ameríndias são os trabalhos desenvolvidos pelos linguistas Rodrigues (1984/1985), para as línguas da família tupí-guaraní; Constenla Umaña (1991), para as línguas da área intermédia; e Torero (2002) e Parker (2013), para as línguas da área andina.

O segundo método trata da reconstrução interna. Diferentemente do método comparativo, a reconstrução interna é uma prática empregada com o objetivo de reconstruir formas ancestrais ou protoformas considerando as evidências no interior de uma mesma língua, fato que se diferencia do método comparativo, o qual reconstrói as protoformas com base nas evidências comparativas de várias línguas ou dialetos (CROWLEY; BOWERN, 2010, p. 121). A reconstrução interna aplica-se aos dados linguísticos descritivos dos quais se dispõe sobre uma língua dentro de uma determinada fase de sua evolução, um exemplo são os estudos feitos sobre Português arcaico, Português clássico ou Português contemporâneo.

Nesse sentido, por meio do método de reconstrução interna, é possível estipular o estágio anterior de uma mesma língua, ou seja, identificar a provável *pré-língua*, diferente da *protolíngua* que é deduzida a partir da aplicação do método comparativo.

Como dito anteriormente, a situação linguística das línguas, bem como o estado de seus dados obtidos pelos pesquisadores e seus objetivos de pesquisa, dita qual dos dois métodos citados seria mais apropriado para o tratamento delas nesse tipo de investigação. Assim, argumenta Constenla Umaña (2000) que a aplicação do método comparativo ou do método de reconstrução interna está sujeita a duas condições básicas:

- i). Se temos dados de várias línguas, aparentadas de acordo com o diagnóstico feito pelo método comparativo, podemos aplicar esse mesmo método para reconstruir uma protolíngua.
- ii). Se temos dados de alternâncias morfofonêmicas não supletivas e recorrentes, podemos aplicar o método de reconstrução interna para reconstruir uma pré-língua (CONSTENLA UMAÑA, 2000, p. 162, tradução nossa)².

Tendo tratado brevemente desses dois métodos mobilizados nos estudos diacrônicos, passemos a uma apresentação do que pretendemos fazer neste trabalho. O capítulo é composto de três seções principais: na seção 2, abordamos brevemente as propostas teóricas desenvolvidas por Constenla Umaña (2000), sobre o método reconstutivo sincrônico e sua aplicação aos estudos de línguas já extintas; na seção 3, trazemos

² “i). Si tenemos datos de varias lenguas, emparentadas de acuerdo con el diagnóstico hecho por el método comparativo, podemos aplicar este mismo método para reconstruir una protolengua.

ii). Si tenemos datos de alternancias morfofonemáticas no supletivas y recurrentes, podemos aplicar el método de reconstrucción interna para reconstruir una prelengua” (CONSTENLA UMAÑA, 2000, p.162).

informações iniciais sobre as línguas arawak do Xingu, informações essas que já foram levantadas e difundidas por Steinen (1894 [1940]); a seção 4 está dedicada à discussão e análise dos dados linguísticos e à representação grafêmica dos segmentos, considerando suas possíveis interpretações fonético-fonológicas da língua kustenau. Fechamos o nosso texto como as conclusões e as referências que nortearam a análise.

2 A restituição como método adicional de reconstrução de línguas

Os dois métodos concisamente descritos na introdução, junto com a geografia linguística, a dialetologia e a glotocronologia, são considerados na linguística histórico-comparativa como métodos indiretos da pré-história linguística, pois fazem referência a períodos que não contam com documentação escrita, diferentemente do método direto que se fundamenta em documentos escritos. Como afirma Hockett (1971), na falta de documentos escritos, é necessário recorrer aos métodos indiretos, pois esses são os únicos recursos que dispomos para reconstruir o passado das línguas.

É nesse contexto que o saudoso linguista costarriquense Adolfo Constenla Umaña (2000) traz uma contribuição importante aos estudos de línguas ameríndias extintas, mas que, de alguma forma, contam com materiais escritos e transcritos inicialmente com base nas grafias de uma determinada língua indo-europeia, sobretudo o Espanhol e o Português, ou outras, tais como o Francês, o Alemão e o Inglês. Essa forma de escrita das línguas ameríndias dependia, sobretudo, da língua materna de quem coletava os dados da língua indígena e, mais do que isso, para uma interpretação relevante dos sons e posterior registro escrito deles, era preciso que o estudioso fosse capaz de identificar distinções que muitas vezes podiam ser imperceptíveis, por não representarem distinção em sua

língua materna ou por não haver grafema correspondente no alfabeto utilizado para a conseqüente representação. Nesse sentido, alguns dos dados necessários para um estudo deste tipo podem ser fruto de distorções ou alterações que não resultam da evolução linguística, mas, sim, das limitações dos transcritores (CONSTENLA UMAÑA, 2000, p. 163).

De acordo com Constenla Umaña (2000), esses materiais são dados tipicamente resultantes de “análises pobres” (GLEASON, 1985) da fonologia das línguas. Essas análises se caracterizam como pronúncias impressionistas, já que expressam uma falsa equivalência entre os grafemas de uma língua europeia e os fonemas de uma língua indígena, além da incapacidade de representar determinadas características articulatórias dos sons ou, em outras ocasiões, por omitirem determinados traços considerados como de difícil distinção ou pela baixa frequência de uso desses traços na língua-alvo (CONSTENLA UMAÑA, 2000, p. 163). Entretanto, essas transcrições assistemáticas, assim denominadas pelo autor, muitas vezes, são os únicos documentos disponíveis de uma língua que já não é mais falada, seja porque ela foi extinta, ou porque o povo que falava a língua materna foi assimilado por outra sociedade, como é o caso do Kustenau (Arawak), uma língua indígena da região do Xingu, atualmente extinta.

Para casos como o que acabamos de mencionar, Constenla Umaña (2000) propôs o método *Linguístico Reconstutivo Sincrônico*, acrescentando, então, à ciência linguística, outra opção de análise desse tipo de dado, além dos métodos tradicionais de reconstrução de línguas já desenvolvidos no campo da Linguística Histórica. Para a aplicação do método, é necessário, basicamente, organizar os dados disponíveis de acordo com as seguintes etapas: i) sistematização do léxico disponível; e ii) interpretação e análise das representações grafêmicas.

Na sistematização do léxico, se procura comparar as diversas formas de escrita para, dessa maneira, interpretar os possíveis valores fonéticos

dos grafemas usados na escrita das palavras. Nessa fase, como destaca o proponente do método, é imperativo “reunir todos os materiais lexicais disponíveis da língua na forma de um léxico organizado a partir da língua em que o estudo é conduzido” (CONSTENLA UMAÑA, 2000, p. 165, tradução nossa)³. No que se refere à interpretação e análise dos grafemas, o autor descreve vários processos, entre eles, três podem ser considerados os mais importantes (conferir síntese do percurso a seguir na aplicação do método, em Constenla Umaña, 2000, p. 175-176):

- i) Determinar o sistema de escrita empregado: no caso específico da América do Sul, a representação grafemática das línguas indígenas está baseada, particularmente, nos grafemas dos alfabetos do Português e do Espanhol e, em alguns casos, nos grafemas da língua materna do estudioso que documentou a língua;
- ii) Verificar a época em que se coletaram os materiais: de acordo com Constenla Umaña (2000), é importante considerar a época em que os dados a ser analisados foram coletados, por exemplo, séculos XVI, XVII, XVIII; e
- iii) Estabelecer comparação das transcrições: é importante considerar este processo, pois um grafema usado na escrita dos dados poderia estar representando dois ou mais valores fonéticos de um determinado segmento da língua-alvo.

Por outro lado, o método reconstrutivo sincrônico, concebido por Constenla Umaña (2000), retoma, a partir de Gleason (1985), dois casos típicos de desvio nas transcrições preliminares de dados de línguas indígenas, coletados, a princípio, por missionários no período colonial

³ “reunir todos los materiales léxicos disponibles de la lengua en la forma de un léxico organizado a partir de la lengua en la que se realiza el estudio” (CONSTENLA UMAÑA, 2000, p.165).

e, posteriormente, por geógrafos, naturalistas, etnólogos, principalmente europeus, “que nas suas pesquisas referentes às suas ciências particulares também se preocuparam com a língua” (CAMARA, 1977, p. 113). Essas duas formas de desvio são a “subdiferenciação”, emprego de um mesmo grafema para transcrever dois ou mais fonemas distintos, ou mesmo para representar a combinação de alofones de dois fonemas diferentes, e a “superdiferenciação” ou diferenciação excessiva, emprego de dois ou mais grafemas distintos para representar duas ou mais variantes de um mesmo fonema, representando geralmente variantes livres ou variantes condicionadas pelo contexto de um determinado fonema (GLEASON, 1985, p. 288). É importante ressaltar que a superdiferenciação não se sobrepõe à subdiferenciação, pois, ainda que a subdiferenciação ocorra, na superdiferenciação o comportamento fonético dos sons é mantido, o que permite uma análise mais próxima ao que de fato a língua apresenta em seu inventário. Por exemplo, a ocorrência dos alofones [s] e [ʃ] do fonema fricativo alveolar do Português do Brasil (PB) poderia ser vista como fonemas diferentes em uma análise superdiferenciada. Em contrapartida, um desvio provocado pela subdiferenciação pode resultar em omissão de distinções significativas e, conseqüentemente, em prejuízo para a análise. Tal seria o caso, por exemplo, de eliminar, em uma transcrição, a oposição fonológica entre os fonemas /b/ e /v/ do PB, como se fossem apenas a realização de um único fonema.

A partir das bases fundamentais do método reconstrutivo sincrônico concebido por Constenla Umaña (2000), apresentamos uma breve análise da representação grafemática dos dados da língua *kustenau* (Arawak) coletados por Steinen (1894 [1940]). Dizemos “bases fundamentais”, pois nossa análise se inspira na proposta de Constenla Umaña (2000), mas diverge um pouco nos procedimentos, tendo em vista que não fazemos comparação entre transcrições diferentes feitas por mais de um autor,

como sugere o estudioso, porém analisamos o Kustenau com base no que dispomos de Steinen (1894 [1940]), único material disponível sobre a língua (conferir próxima seção), bem como nas análises de línguas aparentadas, a saber, Mehinaku e Waurá, as quais contam com descrições mais recentes e/ou podem ser observadas diretamente.

3 Karl von den Steinen e as línguas arawak do Brasil Central

Steinen (1894 [1940]), em sua obra *Entre os aborígenes do Brasil Central*, inclui, em suas descrições etnológicas, informações sobre as línguas que eram faladas na região do Xingu, atualmente, Território Indígena do Xingu, localizado ao norte do estado de Mato Grosso. Na obra supracitada, o autor traz algumas observações linguísticas coletadas durante suas duas visitas feitas à região, em 1884 e 1887. Referindo-se especificamente aos povos arawak (ou aruak), Steinen (1894 [1940], p. 197) afirma que os “Nu-Aruak se dividem em duas sub-tribus: os Nu e os Aruak. ‘Nu-’ é o prefixo dominante dessas tribus, é o prefixo característico pronominal da primeira pessoa [...]. Os Mehinaku, Kustenau, Waurá e Yaulapiti são Nu-Aruak”. Assim, Steinen classificou os Nu-Aruak em Mehinaku, Kustenau, Waurá e Yaulapiti. Dos quatro povos mencionados, o Kustenau já está extinto, e não se encontram outras informações, apenas o que se sabe é que, quando Steinen esteve na região, havia uma aldeia Kustenau. Sobre a língua que esse povo falava, temos apenas um vocabulário de 158 palavras e os nomes dos numerais de 1 a 20 que Steinen conseguiu registrar, e é sobre esse material que nos debruçamos neste capítulo.

Antes de tratarmos especificadamente do tema, vale mencionar que Steinen tratou o Mehinaku, o Waurá e o Kustenau como uma única etnia ou povo e seus respectivos idiomas como variações da mesma língua. Para ele, essas sociedades “constituem também [...] uma única unidade etnológica

[e] podem ser chamadas de povos ceramistas [...]. De fato, o Yaulapiti é uma língua muito semelhante, assim se percebe, claramente, que esta se trata de uma língua do grupo Nu-Arawak” (STEINEN, 1894 [1940]), p. 198). Rodrigues (1986, p. 68-69) praticamente confirma as observações feitas por Steinen, pois, segundo o linguista, as línguas mehinaku, waurá e yawalapiti “têm características em comum, mas a língua Yawalapiti diverge um pouco mais das outras duas, que essas entre si”. Posteriormente, Seki (1999) afirma que o Waurá e o Mehinaku são dialetos de uma mesma língua. Para a pesquisadora, o Yawalapiti partilha 80% do vocabulário básico com Waurá-Mehinaku, porém com uma gramática bastante diferente, “portanto, não há inteligibilidade mútua, e o Yawalapiti tem que ser considerado uma outra língua” (SEKI, 1999, p. 419, tradução nossa)⁴.

Em razão do compartilhamento de cultura e, mais especificadamente, dos semelhantes traços linguísticos que se podem observar nessas línguas, é que, neste trabalho, nos valem de uma aproximação dos dados de versões atuais das línguas aparentadas, são elas, Mehinaku e Waurá, para a interpretação dos registros grafados por Steinen (1894 [1940]).

4 Representação grafemática da língua kustenau

De acordo com Corbera Mori (2007), a lista de vocabulários que aparece como apêndice na obra de Steinen (1894 [1940], p. 661-691) inclui palavras das classes de substantivos, pronomes pessoais de primeira e segunda pessoa, nomes, numerais e cores, além de uma partícula que indica negação.

Para a representação grafemática dos segmentos, Steinen recorreu ao uso dos grafemas do alfabeto latino, estabelecendo algumas equivalências com os valores fonéticos das grafias de línguas europeias, como o Alemão,

⁴ “so there is no mutual intelligibility and Yawalapiti has to be considered a separate language” (SEKI, 1999, p.419).

o Francês e o Inglês. Essa prática de representação dos sons das línguas indígenas é, como menciona Constenla Umaña (2000, p. 163, tradução nossa⁵),

bem abundante na América, dados de línguas de sociedades ágrafas transcritos por meio de alguma versão do alfabeto latino (a) com anterioridade ao desenvolvimento da linguística sincrônica estrutural no século XX, ou (b) durante esse século, porém, à margem dela.

Esta forma de descobrir os sons das línguas, como afirma o autor citado, revela a pronúncia fonética dos segmentos fazendo referências impressionistas ao valor dos grafemas em outras línguas, mostrando, dessa maneira, que há certa incapacidade para caracterizar determinadas articulações ou, ainda, que se ignoram determinados traços sob o pretexto de sua difícil distinção ou presumida baixa frequência de uso (CONSTENLA UMAÑA, 2000).

Para a análise das palavras do Kustenau, são pertinentes as seguintes grafias e seus respectivos valores fonéticos:

y como em *York*, *χ*, som gutural correspondente ao *ch* do alemão, formado na parte média do céu da boca; *ʃ* equivale ao *ch* do francês; *s* equivale ao *ç* francês; *z* equivale ao *z* do francês; *ʒ* soa como o *th* do inglês (STEINEN, 1894 [1940], p. 662).

Steinen também faz referência ao uso do til (~) para assinalar a nasalização das vogais, mas, no caso da língua kustenau, não encontramos nenhuma vogal com a marca referida. Em relação à representação do

⁵ “bien abundante en América, de datos de lenguas de sociedades ágrafas transcritos por medio de alguna versión del alfabeto latino (a) con anterioridad al desarrollo en el siglo XX de la lingüística sincrónica a partir del estructuralismo o (b) durante dicho siglo, pero al margen de ella” (CONSTENLA UMAÑA, 2000, p. 163).

acento no Kustenau, Steinen menciona que, nos casos em que ele não é indicado, ocorre na penúltima sílaba da palavra.

4.1 Representação grafemática das vogais

A representação escrita das vogais segue essencialmente os grafemas que ocorrem na ortografia do Português brasileiro: <i>, <u>, <e> e <o>. Apenas duas letras aparecem com diacríticos, <ä> e <ö>, as quais possivelmente fazem referência à emissão fonética das vogais [ɛ] e [i], respectivamente⁶. O Diagrama 1 mostra a grafia das vogais:

(1)

Diagrama 1: Grafia das vogais

<i>	<u>	
<e>	<o>	<ö>
<a>	<ä>	

Os grafemas <i>, <e>, <u> e <a> não representam nenhum problema de interpretação, pois se assemelham muito ao que ocorre na emissão fonética das vogais do Português falado no Brasil. Nos seguintes dados⁷, podemos observar a escrita de palavras com a presença dessas vogais e fazer uma comparação com as suas correspondentes cognatas nas línguas mehinaku e waurá, próximas ao Kustenau:

⁶ Steinen era falante nativo do alemão. Sabe-se que, na língua alemã, a letra <ä> representa o fonema /ɛ/.

⁷ É válido destacar que há uma diferença na transcrição dos dados analisados neste trabalho. Para a língua Kustenau, trazemos os dados transcritos de acordo com os registros de Steinen (1894 [1940]). Já, para os dados do Waurá, foram mantidas as representações baseadas no sistema de Pike, conforme usado por Jackson e Richards (1966). Para a língua Mehinaku, empregaram-se os símbolos do IPA, pois não foi seguida por Angel Corbera Mori (coautor deste capítulo) a representação Pikeana de transcrição fonética.

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

(2)			<i>	
	<i>Kustenau</i>	<i>Mehinaku</i> ⁸	<i>Waurá</i> ⁹	<i>Glosas</i>
	nunéi	ně'ĩ	-nei	'língua'
	nuhite	nũ'hĩ	-hĩ-ti	'mamilo'
	itsá	'itsa	itsa	'canoa'
			<e>	
	nutévoe	'tewe-i	i-tsewe	'dente'
	enira	e'nişa	eniža	'homem'
	etene	e'tene	etene	'remo'
			<u>	
	tíneru	ti-'neşu	ti-nežu	'mulher'
	uléi	u'leitsi	ulei	'mandioca'
	ayupe	a'jupe	ayu-pe	'algodão'
			<a>	
	napi	na'pi	napi	'osso'
	atú	a'tu	atu	'avô'
	mamá	ma'mã	mama	'mãe'

O uso dos grafemas <o> e <ö> na língua kustenau foi registrado por Steinen nas seguintes palavras:

(3a)			<o>	
	nukiriako	'narinas'	nutuló	'orelha'
	nuiriko	'mão'	one	'água'
	zakalo	'papagaio'	amunao	'cacique'

⁸ As palavras no Mehinaku são dados coletados por Angel Corbera Mori (coautor deste capítulo).

⁹ A lista de palavras do Waurá foi extraída de Jackson e Richards (1996) e Richards (2015) publicada no *Intercontinental Dictionary Series. Language: Waura*.

<ö>

(3b) pahö ‘macaco’ köka ‘tabaco’

Considerando as palavras cognatas das línguas mehinaku e waurá que temos registradas, conforme exemplos em (4), é possível perceber que, na escrita dos dados em (3a), há uma supradiferenciação entre as vogais <u> e <o>. Essas palavras do Kustenuau citadas em (3a) contendo a vogal <o> são produzidas pelos falantes mehinaku e waurá atuais sempre com a vogal posterior alta fechada [u], como se vê em (4):

(4)	<i>Mehinaku</i>	<i>Waurá</i>	<i>Glosas</i>
	i’kiri-nã:ku	-kitsi-yāku	‘narinas’
	tu’lũ-ĩ	-tu’lũ	‘orelha’
	nũwi’şikū	-wişikū	‘mão’
	‘uni	uni	‘água’
	şa’kalu	sakalu	‘papagaio’
	amũ’nãũ	amunau	‘cacique’

A letra <ö> foi identificada apenas nas palavras citadas em (3b). Tudo indica, então, que ela foi usada para representar a vogal alta central [ɨ]. Essa interpretação é plausível, uma vez que os cognatos dessas palavras nas línguas mehinaku e waurá contêm essa vogal central. Vejamos os exemplos subsequentes:

(5)	<i>Mehinaku</i>	<i>Waurá</i>	<i>Glosas</i>
	‘pa:hi	pahi	‘macaco’
	hĩ:ka	hi:ka	‘cigarro, tabaco’

Por fim, a letra <ä> foi encontrada na escrita das palavras *utäze* ‘pá para virar biju’, *uläpe* ‘beiju’, *täme* ‘anta’ e *ärze* ‘preto’. Essa vogal parece estar relacionada à vogal anterior média aberta [ɛ], que no Mehinaku

e no Waurá atuais, é uma variante livre da vogal média fechada /e/. No Mehinaku, por exemplo, ‘beiju’ pode ser emitido como [u'le:pe'] ~ [u'le:pe'], e ‘anta’, como ['te:me] ~ ['tɛ:me].

4.2 Representações grafemática das consoantes

Apesar de a lista de palavras apresentada por Steinen (1894 [1940], p. 669-671) ser muito restrita, é possível identificar os grafemas que identificam os possíveis fonemas consonânticos da língua kustenau na época em que o autor coletou as palavras. No seguinte diagrama, apresentamos as grafias identificadas:

(6)

Diagrama 2: Grafia das consoantes

<p>	<t>	<k>	
			
<m>	<n>		
	<s>	<h>	
<v>	<ʃ>	<z>	<rz>
		<ts>/<tz>	<tš>
		<r>	
		<l>	
			<y>

Fonte: STEINEN (1894 [1940]).

4.2.1 Grafias consonânticas <p>, <t>, <k>

Os grafemas <p>, <t> e <k> univocamente representam os fonemas plosivos desvozeados nos pontos labial, dentoalveolar e velar, respectivamente.

Os itens, a seguir, são exemplos que mostram a presença dessas consoantes no inventário do Kustenau:

- (7) nuputi ‘coxa’ atú ‘avô’ keri ‘lua’
 piuá ‘ralador’ ateui ‘cabeça’ nuiriko ‘mão’
 nupatatá ‘unha’ intai ‘arco’ maiki ‘milho’

O grafema foi identificado apenas na palavra *pebulu* ‘palmeira bocaiuva’. Esse dado nos permite a interpretação de que há uma sonorização opcional do segmento oclusivo bilabial [p] em posição intervocálica. De fato, nas línguas mehinaku e waurá, *pebulu*, foneticamente, ocorre como [pu'pulu]. Ademais, é sabido, pela descrição de Jackson e Richards (1996), que no Waurá o fonema /p/ pode variar com sua correspondente vozeada tanto em posição inicial quanto em posição interna de palavra.

4.2.2 Grafias consonânticas <m>, <n>

Os grafemas <m> e <n> são usados para representar, indubitavelmente, os fonemas nasais primários nos pontos labial e dentoalveolar, respectivamente, como se pode verificar nos seguintes dados:

- (8) mepiama ‘dois’ nato ‘eu’
 numái ‘pele’ tineru ‘mulher’
 amunao ‘cacique’ nisere ‘irmão mais jovem’

4.2.3 Grafias consonânticas <s>, <h>

A consoante <s> foi encontrada apenas nas palavras *nisere* ‘irmão mais novo/primo’ e *kisua* ‘branco’. Aparentemente, o fonema /s/ sofre vozeamento, pois a palavra para ‘irmã’ foi registrada por Steinen (1894 [1940], p. 670) como *nizeru*. Um fato importante que se observa no Waurá é que

as glosas ‘irmão mais novo/primo’ e ‘irmã’ ocorrem foneticamente como [nisezĩ] e [nisezu], respectivamente, já a palavra para ‘branco’ se realiza como [kisuwa].

O grafema <h> que corresponde ao fonema fricativo glotal /h/ foi registrado como tal em todos os casos, como se comprova pelos seguintes dados:

(9)	nuy hi á	‘cílios’	héu	‘sal’
	p ah ö	‘macaco’	uhú	‘batata-doce’
	hemirzá	‘vermelho’	n u hi-te	‘mamilo’

4.2.4 As grafias <v>, <ʒ>, <z>

A consoante <v> foi registrada apenas na palavra *nutévoe* ‘dente’, sua correspondente cognata no Mehinaku e no Waurá é [təwei] e [i'tsewe], respectivamente. Por meio da análise dos cognatos dessas duas línguas, concluímos que <v> foi usada para representar o fonema aproximante labiovelar /w/.

Da mesma forma, o grafema <ʒ> foi registrado na escrita das palavras *nuʒinepu* ‘ombro’, *uʒikuí* ‘mingau’, cujos cognatos equivalentes na língua Waurá atual são [nusenepu] ‘ombro’ e [usitʃui] ~ [uzi'tʃui] ‘mingau’. Isso nos mostra que <ʒ> possivelmente foi usado para representar uma variação do fonema fricativo desvozeado /s/.

O grafema <z> usado por Steinen foi encontrado nas palavras subsequentes do Kustenau:

(10)	en iz a	‘homem’	ut äz e	‘pá para virar beiju’
	zapal akú	‘uluri’	zak al o	‘papagaio’
	pau uz ikú	‘um’	nuk iz api	‘bigode’
	nuan az ataku	‘antebraço’		

Pelos dados que nos foi possível coletar da língua waurá, podemos assumir que, nesse caso, Steinen produziu uma subdiferenciação, ao representar com o grafema <z> a emissão fonética dos fonemas atuais /s/ e /z/ que possivelmente também ocorriam no Kustenau. Na língua waurá, as palavras citadas em (10) têm a seguinte transcrição fonética:

- (11) [eniʒa] ‘homem’ [sapalaku] ‘uluri’
[pawãʒuku] ‘um’ [sakalu] ‘papagaio’
[wanaʒatakui] ‘antebraço’ [nukizapi] ‘lábio’

4.2.5 As grafias <r>, <l>, <y>

Esses três grafemas correspondem univocamente às representações dos fonemas aproximantes centrais, o tepe alveolar /r/ <r> e a palatal /j/ <y>, e da aproximante lateral /l/ <l>. Na sequência, apresentamos exemplos desses dados:

- (12) nukiri ‘nariz’ nutuló ‘orelha’ yatoma ‘pajé’
enira ‘homem’ uléi ‘mandioca’ yutá ‘veado’
nizeru ‘irmã’ makula ‘pote médio’ yenati ‘bambu’

Um fato importante observável nas línguas mehinaku e waurá é que o grafema <r>, usado por Steinen na escrita do Kustenau, atualmente ocorre, na maioria dos casos, como a fricativa retroflexa desvozeada [ʂ], no Mehinaku, e como a fricativa retroflexa vozeada [ʐ], no Waurá, como se pode observar abaixo:

(13)	<i>Kustenau</i>	<i>Mehinaku</i>	<i>Waurá</i>	<i>Glosas</i>
	enira	e'niša	e'niza	'homem'
	keri	'ke:ʂi	'keʒi	'lua'
	tineru	tí'neʂu	tí'nezu	'mulher'

4.2.6 As grafias <ts>/<tz>, <tš>

Não há ambiguidade no que se refere à interpretação dos dígrafos <ts> e <tš>. Em todas as palavras em que foram representados, esses dígrafos fazem referência aos fonemas africados: consoante africada alveolar /tʂ/ <ts> e consoante pós-alveolar /tʃ/ <tš>. O dígrafo <tz> foi registrado apenas na partícula de negação *aitzá* 'não', o que, na prática, seria uma supradiferenciação da consoante africada /tʂ/. Os dados listados em (14) exemplificam os usos do dígrafo <ts> e <tš>:

(14)	nukitsapa	'pé'	nutsitšu	'barriga'
	nukitsíu	'dedos do pé'	tséi	'fogo'
	pitsu	'você'	munotsi	'máscara'

Paralelamente a esses dígrafos mencionados, Steinen (1894 [1940]) também recorreu ao uso de um quarto, o qual era a combinação das letras <r> e <z>, como nas palavras seguintes do Kustenau:

(15)	kurzima	'pássaro japu'	hemirzá	'vermelho'
------	---------	----------------	---------	------------

É possível que Steinen tenha usado o dígrafo <rz> na tentativa de representar um som que, para o ouvido europeu, resultava estranho, pois, pelas palavras cognatas existentes nas línguas mehinaku e waurá, esse dígrafo equivaleria aos fonemas pós-alveolares [ʂ] ou [ʒ]. Isso pode ser observado nos exemplos trazidos a seguir:

(16)	<i>Mehinaku</i>	<i>Waurá</i>	<i>Glosas</i>
	kuʃima	ku'zima	'pássaro japu'
	mĩhĩʃa	mĩ'hiza	'vermelho'

5 Conclusão

O trabalho mostra a aplicação e relevância do método reconstrutivo sincrônico na análise de registros linguísticos, tanto dos que foram feitos no período colonial, como daqueles feitos por viajantes ou por pessoas sem formação linguística. Ainda que considerados estudos assistemáticos, preliminares ou não profissionais, é preciso enaltecer esses tipos de documentos, pois, muitas vezes, são tudo o que resta de algumas línguas e que pode ser usado na comprovação ou refutação de hipóteses.

Nesse sentido, vale destacar a importância do trabalho de Steinen na documentação de uma língua extinta, pois, não fosse o registro feito por ele, não poderíamos fazer investigações no presente. Além do providencial registro, foi possível notar que o pesquisador teve uma percepção apurada dos sons do Kustenau, já que, na comparação de dados atuais das línguas-irmãs, Mehinaku e Waurá, verificam-se traços fonéticos comuns.

Pela observação dos dados, ainda que restritos, é possível concluir também que os fonemas da língua kustenau são parecidos, de fato, com os do Mehinaku e do Waurá atuais. Contudo, assumimos que o Kustenau era uma “variante” mais próxima do Waurá, o que nos leva a supor que os Kustenau se juntaram aos Waurá, partilhando ainda mais intimamente sua língua e cultura.

Baseados na exploração dos dados feita neste estudo, reproduzimos, a seguir, o inventário de fonemas do Kustenau: i) fonemas vocálicos: /i, e, i, u, a/; e ii) fonemas consonânticos: /p, t, k, m, n, s, z, h, ts, tʃ, r, l, w, j/.¹⁰

¹⁰ Para a representação final dos possíveis fonemas da língua kustenau, usamos os símbolos fonéticos do IPA.

Referências

CAMARA JR., Joaquim M. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

CONSTENLA UMAÑA, Adolfo. **Las lenguas del área intermedia**: introducción a su estudio areal. San José de Costa Rica: Editorial de la Universidad de Costa Rica, 1991.

CONSTENLA UMAÑA, Adolfo. La restitución: un método lingüístico reconstructivo sincrónico. **Filología y Lingüística**, Costa Rica, v. 26, n. 2, p. 161-180, 2000.

CORBERA MORI, Angel. Correspondencias entre grafemas y segmentos en los vocabularios waurá y mehinaku de Steinen (1866 [1940]). **Baciuelmo**: Letras. Imágenes. Creación., Caracas, n. 2, p.78-96, 2007.

CROWLEY, Terry; BOWERN, Claire. **An introduction to historical linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

GLEASON, Henry A. Jr. **Introdução à linguística descritiva**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985.

HOCKETT, Charles F. **Curso de lingüística moderna**. Buenos Aires: EUDEBA, 1971.

JACKSON, Evelyn; RICHARDS, Joan. **Waurá tentative phonemic statement**. [Arquivo Lingüístico 104]. Brasília: SIL, 1966.

PARKER, Gary J. **Trabajos de lingüística histórica quechua**. Lima: Fondo editorial PUCP, 2013.

RICHARDS, Joan. Waurá dictionary. *In*: KEY, Mary R.; COMRIE, Bernard (Eds.). **The Intercontinental Dictionary Series**. Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology, 2015. Disponível em: <http://ids.clld.org/contributions/267>. Acesso em: 2 fev. 2020.

RODRIGUES, Aryon D. Relações internas na família linguística Tupi-Guarani. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 27/28, p. 33-53, 1984/1985.

RODRIGUES, Aryon D. **Línguas Brasileiras:** para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1986.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, 1995 [1916].

SEKI, Lucy. The Upper Xingu as an incipient linguistic area. *In:* DIXON, Robert M. W.; AIKHENVALD, Alexandra Y. (Ed.). **The Amazonian languages.** Cambridge: Cambridge University Press, 1999. Cap. 15, p. 416-430.

STEINEN, Karl von de. **Entre os aborígenes do Brasil Central.** São Paulo: Departamento de Cultura, 1894 [1940].

TORERO, Alfredo. **Idiomas de los Andes: Lingüística e Historia.** Lima: IFEA/Editorial Horizonte, 2002.

Apêndice

Léxico Kustenau e Waurá a partir de Karl von den Steinen (1894 [1940]).
Entre os aborígenes do Brasil Central. São Paulo: Departamento de Cultura.
 p. 669-671.¹¹

Português	Kustenau	Waurá	Mehinaku ¹²
língua	nunéi	nunéi, pinyéi ¹³	ně'ĩ
dente	nutévoe	nitseve, pitseve	'təwei
boca	nukanati	nukirapi	kana'ti
lábio	nukirapi		kişa'pi
nariz	nukiri	nukidzi	ki'ri
narina	nukiriako		kirĩṅã:ku'i
olho	nutitái	nutitái, purzitái	ut'i'tai
orelha	nutuló	nutulú, pitsulu	tulũ'ĩ
orifício da orelha	nutulunaku	nutulunago	tulũnaku'i
cabeça	núteni, atéui	nuteurzata	tí'wi
fronte	nutuhipiu	nutuetyu	hěkira'i
cabelo da cabeça	nuteukai	nuteve	nũ-tiu'ka:hi
tonsura ¹⁴	eheržeke	eheržeke	tsekeye'teri

¹¹ Os dados trazidos neste apêndice seguem uma disposição baseada em campos semânticos. Cabe salientar ainda que não foram feitas modificações nas glosas, ou seja, elas foram reproduzidas tal qual Steinen (1894 [1940]) o faz.

¹² Os dados do Kustenau e do Waurá são uma reprodução do vocabulário que aparece nos apêndices do livro de Karl von den Steinen (1894 [1940], p.669-671), *Entre os aborígenes do Brasil Central*. Os dados do Mehinaku foram coletados por Angel Corbera Mori junto aos falantes desta língua.

¹³ Esse dado e outros que ocorrem como duas palavras foram reproduzidos tal como aparecem citados na obra de Steinen.

¹⁴ Corte tradicional de forma arredondada do cabelo dos povos do Alto Xingu.

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

sobrancelhas	nuyuhimiepé	nuzuhemiepé, nužiepé	nu-juhija'mepe
cílios	nuyuhiá	nuziá	juhi'jai
bigode	nukizapi	numapi	pulanu'mãĩ
barba do queixo	nupulanuma, nunumatakapi	nupulanumá	pulanu'mãĩ
pescoço	nupiu	nupiute	nũ-'pĩũ
nuca	nupiúte	nupununaku	pununaku'i
garganta	nualalá, nupiunaku	nuhalu(n)te	nũ-piu'na:ku
peito	nupanatako	nupanataku	nũ-pana'ta:ku
mamilo ♀	nuhite	nuhé	nũ-'hĩ
mamilo ♂		ziya, zi(n)ya	i-hĩnu'mati
dorso	nutanaka		tana'kai
barriga	nutšitšu, nukavatái	nutsitsu, nutsityu	n-i'ŋĩŋũ, hapa'jai
umbigo	nutukuna	nutukunate	tukuna'ti
pênis	núpei	nupeze	i'tsi, i'ti
escroto	nehulu	nukuntapa	kũjũ ^a ta'pai
genitália ♀	eti	etinabu, piureti	itsi'napu, iti'napu
ânus		nizityáu	iŋũ'ti
ombro	nuŋinepu		hulũ ^a ta'pai
braço	nuaná	nuana, piyana	wanã'ĩ
cotovelo	nuatipulu	nuanhemidyá	wanatipulu'wi
antebraço, face posterior	nukanutapa		nu-wanata'taku
antebraço, face anterior	nuanazataku		nu-wana'penu

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

mão	nuiriko	nukapi, nukabü	nũ-wi'şiku
palma da mão	nukakitfui	nurzikutago	nũ-wişiku'na:pĩ
dorso da mão	nukanutapa	nukanutaba	nũ-kapĩ'penu
dedo	nukapitú	nukaoi tinyemidyá, nukapitúi	kapiti'wi
unha do dedo	nupatatá	nuhupárata	hupata'tai
coxa	nuputi	nupute	pu'ti
joelho	nikietu	nikyetu	ʃʃetu'i
tíbia		nunabü	katiki'ri
perna	nukati	nukate, pitsyati	ka'ti
calcanhar	nutipulu	nutipulu	tipulu'i
pé	nukitsapa	nukizapa, nikiθapa	kitsa'pai
dorso do pé	nukitsapa		kitsa'napi
sola	nukitsapatako	nukirzapatagu	kitsapataku'i
artelho	nukitsíuí	nuparáta, nuhuparáta	ipialã ⁿ ta'pai
unha do artelho		nuhuparáta	hupata'tai
pele	numái	numái, pimiyaí	ma'pi
osso	anapi	inapü	na'pi
sol	kami	kame	'ka:mi
leste		iputuke	je'hĩ ⁿ tsa
meio-dia		katerreka	kamitişişĩ'kã
oeste		itapukén, yeipiéne	je'piene
lua	keri	keži, keri	'ke:şi
estrela	kalute	kalunte, kalonte	ka'lũ ⁿ tĩ

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

dia		muyakale	iju'kaka
noite		mutivaka	je'jawa
céu	enutaku	enunako	enũ'na:ku, enũ'ta:ku
nuvem	one		'je:pe
chuva	one	une	'uni, enuwi'tsaja
arco-íris		iyäpe	a'napi
trovoada		enutsítya	enu'fɨfja
vento		izimia	i'hĩjã
fumaça		simialái	hĩmia'lai
fogo	tséi	itséi	i'tsei
sal	héu	ichüve	i'hiu
água	one	une	'uni
pedra		tepá	'ti:pa
terra		kahiti, keháté	'kēhi
argila branca		epitsitsi	'weiki
argila para cerâmica		kamalu	ka'malu
pai	papá	papaítsu	pa'pa
mãe	māma, mamá	mamá iitsu	ma'mã
filha		niṭupalu	nitsu'palu
criança	nutái	nutái, hauka tái	jamu'kũhĩ
avô	atú	batukuzi	a'tu
avó	atší	atsiru	a'tsi
irmão da mãe	uá	uá	u'a, u'wa
irmão mais velho	ezotapi	utapüri, itapüri	nuta'piṣi
irmão mais novo, primo	nisere	uyú, tsalái	nu'tanũ'le

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

irmã	nizeru	irzeru	nũ'şeşu
homem	enira, eniza	enyáu	e'nişa
mulher	tineru	teneru, tenezu	tí'neşu
menino		enira tái	enişa'tái
menina		tineru tái	tineşu'tái
cacique	amunao	amunao	amũ'nãũ
médico-feiticeiro	yatoma	yatuma	ipianawe'kehi
forasteiro	karáipa	karáipa	kaşa'ipa
arco	intai	itái	ĩ'n'tai
flecha	neita	ukú, nukula	u'ku
canoa	itsá	itsá	'itsa
remo	etene	etene	e'tene
nassa ¹⁵		mutu	'mũ:ti
machado de pedra	áp	ápí, apüí	ja'waitsi
concha para raspar		ulutapa, ulu tái	wa'lupi
sarjador	piuá	piúa	pi'ja
casa	pae, pai	pae, nupune	'pãĩ
rede	amaká	amaka	a'maka
pano	amakaruti	amakaruto	nãĩ
banco		sepí	şe'pi
pote grande	nukái	nukái	'mãũlu
pote médio	makula	makula	pitsa'puku
pote pequeno	makula tai, nukan đái		'pitsa'tãĩ

¹⁵ Nassa: artefato de pesca feito de fios entrelaçados usado durante a pesca. Sinom. Covo.

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

madeira para ralar mandioca		imyá	i'mijã
cabaça	mutuku	mutuku	'pitsa
cuia	pitsu	iza	pitsa'tãĩ
pá para virar beijus	utãze	utär-se	ku'te
filtro com malha de peneira		tuapí, tuabi	tu'wapí
cesto		mayapalu	ma'jaku
grelha		yulalalate	julaka'kati
fio de algodão		kuapi	kuja'pi
fuso		tsapa, kuapi-tsapa	kujapi'tfati
pauzinho de fuso		kuapiyati	kuwapi'tsati
penete	palatá	palata, palatanabü	pa'lata
flauta de pau		vatana	wa'tana
cera		kerukakí	mepe'hiŋã
triângulo feminino	zapalakú	zapalaku	ŋapala'ku
tatuagem		izepiula	pihipiu'lã
bracelete de plumas		ituritapa	wanana'ĩ
colar de pedrinhas		uyuizatabi	
flauta	kulutu		ku'luta
guizo para os pés		niŋeyate	'wãjũ, ŋiŋfaka'ti
máscara	muntsí, koahalu	yakuí, koahahalu	jakuiŋã'tu

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

bugio	kapulu	kapulu	ka'pulu
macaco	pahö	pahö	'pa:hi
morcego	alua		a' luwa
onça	yanumaka	yanumaka	janu'maka
capivara		ipiehü	i'piehi
agutí		peköži	pi'kiçi
tamanduá	yuupé	yuupé	'jupe
veado	yutá		ju'ta
anta	täme	täme	'te:me
arara		kazuruti	iṭiṣu'tapa
papagaio	zakalo	zakaló	ša'kalu
japú	kurzima	kuržima	ku'ṣima
jaó		makukaua	maku'kawa
jacú	marlahi	marlahí	ku'jui
mutum		yumú	i'jumu
pato		upí	'upi
caimão	yaká	yaká	ja'ka
iguana		ipiétururža	jamu'lu
tartaruga de rio		ipíu	i'piu
cágado terrestre		marzuzalo, ayue	a'juwe
cobra		uí	'uwi
peixe		kupati	ku'pati
peixe-cão		vapi	'wa:pi
piranha	yakuakumá	yakuakumá	jakuwaku'mã
mereschu	kulupéi	varžai	kulu'pei
raia		yapu	'yapu

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

abelha		mimí	pi'piulu
formiga voadora		heri	
formiga grande		kutá	'kuta
mosquito		eyú	e'sũ ⁿ te
madeira, árvore	áta	ata	'ata
folha	pana	pana	ata'pana
milho	maíki	máiki	'mãiki
mandioca	uléi	mukurá	u'leitsi
mandioca cozida	tepiratí	uléi	uleitsiʃu'ma pu'kati
bebida püserego	nukayá	nukayá	nũ'kaja
bebida pogu	uʃikuí	uzikuí	uʃu'ʃui
beiju	uläpe	uläpe	u'le:pe
inhame	paka	paka	'pa:ka
batata doce	uhú	uhü	'uhu
pimenta	ai	ai	'ai
jatobá		uvati	u'jai
mangave	yetula	yetula	ke'tula
pequi	akani	akái	a'kãĩ
palmeira bacaiuva	pebulu	vepulu	pu'pulu
palmeira buriti		tsaikyú	ka'nala
palmeira tucum		yawala	'wati
tabaco	höká	höká	hĩ'ka
urucum		yúku	'juku
algodão	ayupe	ayupe	a'jupe
cana ubá		ukú	u'ku
capim sapé		ikitsi	i'kiri

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

bambu	yenati		ja 'nati
eu	nato	natu	'natu
tu	ptsü	pitsü	'pitsu
vermelho	hemirzá	muhirža	mĩhĩ' ša
amarelo	ipiula, imi	veruyá, veruyayí	weru'ja
branco	kisúa	kizúa, vuekitzí	he:'mi
preto	ärze	ärže, yalaki	jala'ki
azul, verde	pülatirzo, ipiulí	ityualá, yulatiro	ipiu'la
pardo		eruyeyakí	we'ruja 'mutĩ
cinzento	tiuinai		mũ'tĩ
1	pauá	pauá	pa' witsa
2	mepiama	mepiáua	mipi' jama
3	kamaukula	kamaukula	kamaju' kula
4	mepiama auaka	pataikato patapataiyaka	mipijama' waka
5	paua uzikú	pauá urzikú	pa' witsa wiši' kũi
6	papalukaka	pauá taputá	pa' witsa tapu' ta wiši' kũi
7	mepiama taputá	mepiáua taputá	mipi' jama' waka wiši' kũi
8	kamaukulá taputá	kaumaukula taputá	kamaju' kula tapu' ta
9	mepiama auaka taputá	patayaka taputá	mipi' jama' waka tapu' ta
10	paua uzikú taputá	ikumá	ma' mala wiši' kũi
11	pauá taputá nukitsiui		pa' witsa 'ija kitsa' pai

Diversidade linguística na América: línguas ameríndias (v. 1)

12	mepiama taputá nukitsiui		mipi 'jama 'ija kitsa'pai
13	kamuakulá taputá nukitsiui		kamaju 'kula 'ija kitsa'pai
14	mepiama auaka taputá nukitsiu		mipijama 'waka 'ija kitsa'pai
15	ekuma nehimakama		ma'mala kitsa'pai pawitsa'palu
16	papáluka nehimaka		pa'witsa 'ija kitsa'pai
17	mepiama nehimaka		mipi 'jama tapu'ta kitsa'pai
18	kamáukula mehimaka		kamaju 'kula tapu'ta kitsa'pai
19	mepiama auaka nehimaka		mipi 'jama 'waka kitsa'pai
20	kumá mehimaka		ma'mala kitsa'pai
NEGAÇÃO	aitzá	ahitsa	'aitsa

Valores fonéticos das grafias segundo Steinen (1894 [1940], p. 662):

- š equivale ao *ch* francês
- s equivale ao *ç* francês
- z equivale ao *z* francês
- θ soa como *th* inglês

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos colegas citados abaixo a gentileza de terem feito a avaliação crítica e construtiva dos textos desta coletânea:

Prof. Dra. Ana Carolina Hecht
Universidad de Buenos Aires (UBA), CONICET e INAPL

Prof. Dra. Ana Paula Barros Brandão
Universidade Federal do Pará (UFPA)

Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dr. José Pedro Viegas Barros
Universidad de Buenos Aires (UBA)

Prof. Dra. Luciana Raccanello Storto
Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dra. Marcia Niederauer
Universidade de Brasília (UnB)

Prof. Dra. María Alejandra Regúnaga
Universidad Nacional de La Pampa (UNLPam) e CONICET

Profa. Dra. Marina Garone Gravier
Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)

Profa. Dra. Rocío Martínez
Universidad de Buenos Aires (UBA) e CONICET

Profa. Dra. Stella Telles
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Profa. Dra. Walkíria Neiva Praça
Universidade de Brasília (UnB)

Agradecemos igualmente ao Prof. Dr. Dermeval da Hora Oliveira, presidente da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), o importante apoio dado durante o congresso ALFALito 2018, ocorrido na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no qual os presentes textos foram inicialmente apresentados em comunicações orais.

Agradecemos ainda à Editora Universidade de Brasília (EDU), especialmente à Profa. Dra. Germana Henriques Pereira de Sousa, sua diretora, o excelente suporte dado a esta publicação, sem o qual ela não seria possível.

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES



Adriana Speranza obtuvo el Posdoctorado en el Programa de Posdoctorado en Ciencias Humanas de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires y el Doctorado en Lingüística por la misma Universidad. Profesora Titular de Lingüística en la Universidad Nacional de Moreno; Profesora Adjunta de Lingüística en la Universidad Nacional de La Plata; Investigadora Asociada de la Comisión de Investigaciones Científicas de la provincia de Buenos Aires (CIC); Directora de la Carrera de Especialización en Lectura y Escritura; Directora de la Subsección de la Cátedra UNESCO en la Universidad Nacional de Moreno y Coordinadora-Vicedecana de la Licenciatura en Comunicación Social de la misma Universidad. Desarrolla su tarea docente y de investigación en el campo de la Lingüística y de la Sociolingüística, específicamente, su trabajo se orienta hacia la variación lingüística, el contacto de lenguas y su impacto en la educación. Una vertiente de los principales estudios desarrollados en sus investigaciones se orienta hacia el análisis de la evidencialidad en el español americano. En este

campo teórico ha investigado diferentes casos de variación lingüística en distintas variedades del español americano.

E-mail: paglispe@gmail.com



Angel H. Corbera Mori é professor no Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), instituição onde atua na graduação e na pós-graduação, e lidera o Grupo de Pesquisa “ESTUDO DAS LÍNGUAS AMERÍNDIAS” (CNPq). É professor colaborador no Programa de Doutorado em Linguística da Universidade Nacional Mayor de San Marcos (Lima, Peru). Tem como foco de pesquisa o estudo das Línguas Ameríndias, Línguas Arawak, Tipologia Linguística, Morfologia, Sintaxe Tipológico-Funcional. Também é editor da Revista *LÍNGUAS INDÍGENAS AMERICANAS (LLAMES)*.

E-mail: corbera.mori@gmail.com



Arthur Britta Scandelari é Mestre em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Estudante do grupo de pesquisa “Núcleo de Tipologia Linguística” (NTL/CNPq). Graduando em Letras - Língua Portuguesa e Respectiva Literatura (UnB). Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Pós-graduado em Direito Internacional

pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Bacharel em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

E-mail: scandelari@gmail.com



Dionei Moreira Gomes é Professor Associado 4 do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília (UnB). Pesquisa línguas indígenas, português do Brasil e língua brasileira de sinais (Libras). Atua também na formação inicial e continuada de professores. Concluiu mestrado e doutorado em Linguística na UnB, tendo sido, durante este último período de formação, pesquisador visitante nos seguintes centros de pesquisa franceses: Centre d'Études de Langues Indigènes d'Amérique (CELIA/Paris) e Laboratoire Dynamique du Langage (DDL/Lyon). Foi coordenador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) do curso de Letras e coordenou o Programa de Pós-graduação em Linguística da UnB (mestrado e doutorado) no biênio 2012-2013. É líder do Grupo de Pesquisa “Núcleo de Tipologia Linguística (NTL)” (CNPq) e coordena, junto com a Profa. Dra. Alejandra Regúnaga, o Projeto 9 “Diversidade linguística na América (Línguas Ameríndias)” da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL).

E-mail: dionei98@gmail.com



Ivan Rocha trabalha com descrição de línguas indígenas amazônicas. Atualmente é pesquisador visitante no Museu Goeldi (MCTIC/CNPq/PCI), trabalhando com descrição e documentação do léxico Karitiana. Realizou estágio pós-doutoral na USP com bolsa PNPd/CAPES (2017—2019), com o tema “tempo e aspecto em orações não-finitas em Karitiana”, supervisionado pela Profa. Dra. Ana Müller; foi pesquisador visitante na Universidade do Texas com uma bolsa de pesquisa FAPESP/BEPE (2014—2015). Obteve o doutorado com bolsa FAPESP (2016) e mestrado em Linguística com bolsa CNPq (2011) pela Universidade de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Luciana Storto. Possui também graduação em Linguística (2008) pela mesma universidade com bolsa de pesquisa da Fundação Volkswagen do Brasil.

E-mail: ivanrochaxxi@gmail.com



Jackeline do Carmo Ferreira possui graduação em Licenciatura no curso de Letras com habilitação em Português e em Inglês pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (2010-2013) e mestrado em Linguística, na área de línguas Indígenas, pela Universidade Estadual de Campinas (2015-2017), quando foi bolsista CAPES. Atualmente, é doutoranda do programa de linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, sob orientação do professor Dr. Angel H. Corbera

Mori, também na UNICAMP. Tem como foco de pesquisa a área de Línguas Indígenas, com ênfase nas línguas da família Arawak, Tipologia Linguística e Descrição Linguística.

E-mail: jackelinedocarmoferreira@gmail.com



Marcelo Pagliaro es Licenciado y Profesor en Antropología (UBA). Ha desarrollado trabajos de investigación en el campo de la Antropología económica en la localidad de Miyuyoc, provincia de Jujuy. Como docente investigador ha participado en distintos proyectos vinculados a la diversidad cultural y lingüística en el marco de las convocatorias del INFD y en proyectos radicados en la Universidad Nacional de Moreno. Ha ocupado el cargo de Consultor en el Proyecto *Becas Alumnos Indígenas*, INFD, MECyT de la Nación y como Especialista Técnico Regional del Área Antropología por la DGE de la provincia de Buenos Aires. Actualmente se desempeña como docente en el Curso de Orientación y Preparación Universitaria de la Universidad Nacional de Moreno y en establecimientos de formación docente de la provincia. Algunas de sus publicaciones son: *Claude Lévi-Strauss y el estructuralismo* (2018); *La enseñanza del español en contextos de diversidad lingüística* (en colaboración, 2018); *Reflexiones sobre la diversidad lingüística y cultural en el conurbano bonaerense* (en colaboración, 2015), entre otros.

E-mail: marcelo.pagliaro@yahoo.com.ar



María Alejandra Regúnaga es Doctora en Letras (2011) por la Universidad Nacional del Sur (Bahía Blanca, Argentina). Es profesora e investigadora en la Facultad de Ciencias Humanas de la Universidad Nacional de La Pampa (Argentina), en las áreas de Linguística teórica y descriptiva, y directora del Instituto de Linguística en esa misma institución. En dicho ámbito dirige proyectos de investigación sobre lenguas indígenas patagónicas y otras lenguas minoritarias/minorizadas. Es investigadora adjunta en el Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), donde desarrolla investigaciones relativas a la descripción de lenguas indígenas en peligro de desaparición/desaparecidas de la Patagonia Sur a través de fuentes documentales, principalmente misioneras. Coordina, junto con el Prof. Dr. Dionei Moreira Gomes, el Proyecto 9 “Diversidad lingüística en América (Lenguas Ameríndias)” de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (ALFAL).

E-mail: aregunaga@gmail.com



Sivaldo Correia é Bacharel em Letras e Mestre em Linguística pela UFPE. Atualmente é Doutorando em Letras (Linguística) pela Universidade Federal de Pernambuco, com Doutorado Sanduíche (CAPES) na University of Oregon. É membro do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Indigenistas da UFPE (NEI) e desenvolve

pesquisas na área de morfossintaxe e descrição da língua Kithãulhu (família Nambikwara).

E-mail: sivaldocorreia@gmail.com



Zarina Estrada Fernández Ph.D en Lingüística-Sintaxis por la Universidad Arizona (Tucson, 1991). M.A. en Lingüística-Sintaxis (Universidad de Arizona, 1989). Licenciada en Lengua y Literatura Españolas, especialidad en Lingüística Hispánica (Universidad Nacional Autónoma de México, 1975). Es profesora-investigadora de la Universidad de Sonora en la Licenciatura y Maestría en Lingüística así como en el Doctorado en Humanidades. Es una académica reconocida especialmente por la investigación que ha desarrollado sobre lenguas de la familia yuto-azteca habladas en el noroeste de México. Sus trabajos de investigación se caracterizan por la integración de la perspectiva tipológica y la diacrónica en el análisis descriptivo de las estructuras gramaticales; asimismo, ha contribuido a la documentación lingüística de lenguas escasamente estudiadas y de lenguas minoritarias, tomando en consideración no solo la preservación lingüística sino también la del contexto etnocultural. Ha participado y participa en proyectos colectivos de registro lingüístico, preservación y documentación digital financiados por CONACYT (México), CNRS

(Francia), Max Planck Institute for the Science of Human History (Alemania) y la Universidad de Sonora (México). Entre sus publicaciones destacan 9 libros de autoría personal, 29 codirecciones de libros, 52 capítulos de libros, varios de ellos en editoriales de reconocido prestigio (John Benjamins, Mouton de Gruyter), 36 artículos publicados en revistas de arbitraje internacional. Ha dirigido más de 45 trabajos de tesis. Ha sido reconocida por el Sistema Nacional de Investigadores del CONACYT, por la Sociedad Lingüística de América y por la Universidad de Sonora.
E-mail: zarinaef@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

Por se tratar de uma obra digital, as línguas e os termos deste índice remissivo podem ser encontrados por meio das ferramentas de busca do leitor de textos.

Línguas

A

Acoma
Alakalufe (Alacalufe)
Alantesu
Alikoolip
Ãpyāwa
Arawak
Asháninka
Ashéninka

B

Baure

C

Chemehuevi
Chilidago
Comanche
Cora
Cupeño

G

Guajá
Guaraní
Guarijío

H

Hahāntesu
Halakwulup
Halotesu
Hoava
Huichol
Hukuntesu

I

Iñapari

K

Kamaiurá
Karitiana
Katitãulhu
Kawaiisu
Kawesqar (Kaweskar)
Kithãulhu
Kustenáu (Kustenu)

L

Lakondê
Latundê
Lihir

M

Machiguenga
Maipure
Mamaindê
Mapuche
Mapuzungun
Mayo
Mehináku (Mehinaku)
Mexicanero
Mundurukú

N

Náhuatl
Nambikwara do Cerrado
Nambikwara do Sul
Navajo
Negarotê
Névome
Nheengatú
Nijaklosu
Nomatsiguenga

O

O'odham
Odami

P

Pápagu
Paresi
Pima Bajo
Piro

Q

Quechua
Quichua

S

Sabanê
Saráré
Sawentesu
Selk'nam
Siwaisu
Sowaintê

T

Tagalog
Tamil
Tapirapé
Tarahumara
Tawandê
Tehuelche
Tepehuano del norte
Tepehuano del sureste
Terena
Tsoneca
Tulatülabal
Tupinambá

U

Unua
Ute

W

Waikisu

Wakalitesu

Wasusu

Waurá

Y

Yagán

Yapese

Yaqui

Yawalapití (Yawalapiti)

Yine

Termos

A

adjunto
adposição
ágrafo
alfabeto
alienabilidade
alienável
anglicano
animacidade
Antropología
argumento
aspecto

C

cambio diacrónico
codificación
coletivizador
coletivo
comparativo (análisis)
complemento de cópula
contacto lingüístico
contável
continuum
creatividade

D

dependent-marking (marcação no dependente)
desplazamiento
diccionario
documentación

E

escala
Etnografía

F

finito
fonético
fonotípico
frecuencia (del comportamiento)

G

genética
gramaticalización

H

head-marking (marcação no núcleo)
historia
historiografía

I

identidad
inalienável
isomorfismo

J

jerarquía de animidad

L

Linguística Histórica

M

método comparativo
método da reconstrução interna
método reconstrutivo sincrônico
migración
misión
misionero
multifuncional

N

número

O

oração encaixada
oração matriz
ortografia

P

perfeito
pluralidade (nominal)
posposição
posse
possuído (não possuído)
pragmática
predicado
princípio comunitario
proceso de cambio
prospectivo
protocolo
protótipo

Q

quantificador

R

religião
representação grafemática
revitalización

S

santiagoño
sintagma posposicional
sistema (fonético)
Sociolingüística
subdiferenciação
superdiferenciação
supradiferenciação

T

taller de lengua
tempo
temporalidade
terminologia
tipologia

V

valência